

RESENHA DO LIVRO “A MORTE E O MORRER”

Oswaldo José Sobral¹
Dircélia Lourenço Neto Todescato²
Mozart Nandir de Lima³

BOEMER, Magali Roseira. **A Morte e o Morrer**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 135p.

Magali Roseira Boemer possui graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), na cidade Ribeirão Preto, em 1968, mestrado em Enfermagem Fundamental, pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em 1975, e doutorado em Programa de Doutorado Interunidades, também, pela Escola de Enfermagem da USP, em Ribeirão Preto, no ano de 1985. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem Médico-Cirúrgica. Seu enfoque tem se direcionado para o tema “da morte e do morrer” em suas várias facetas, desdobramentos e interfaces. Esta profissional da Enfermagem – professora, pesquisadora e autora – vem se empenhando na capacitação de pesquisadores para a condução de pesquisas segundo o referencial fenomenológico e, neste sentido, ela vem atuando em diversos cursos de Pós-Graduação, no Brasil, na Universidade de *Concepción*, no Chile, e na Universidade de *Celaya*, no México. Atualmente, é professora aposentada e associada da USP.

O livro “A Morte e o Morrer” é a obra mais famosa e conhecida de Magali Boemer. Nele a autora coloca o leitor diante de um assunto que é temido por todos, mas que, especialmente, os profissionais da Enfermagem têm que vivenciá-lo a todo o momento, a morte.

¹ Psicólogo, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Especialista em Docência Universitária e graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UnU/Inhumas) e da Faculdade de Inhumas (FacMais).

² Aluna do 4º Período do Curso de Enfermagem, da Faculdade de Inhumas (FacMais).

³ Aluno do 4º Período do Curso de Enfermagem, da Faculdade de Inhumas (FacMais).

Falar de morte, segundo a autora, invariavelmente deixa a todos os seres humanos apreensivos e temerosos. É algo temido, mas que não pode ser evitado, pois somos seres finitos, ou seja, nosso tempo se inicia com o nascimento e termina com a morte. Ela, ainda, afirma que só se alcança a verdade de nossa existência quando aceitarmos a morte como parte de nossa vida, isto é, termos a consciência de que o *ser-aí* no mundo, sendo para a morte, é uma condição inalienável para compreensão da nossa finitude.

Para tanto, o sumário da obra é apresentado da seguinte forma: a apresentação, propriamente dita, por Joel Martins; a introdução; I. A temporalidade do autor; II. O morrendo – 1. Encontros com pacientes terminais e 2. Compreensão do paciente terminal; as considerações finais; e bibliografia.

Na introdução, na qual a autora afirma que a obra refere-se à sua pesquisa de três anos em um hospital universitário, com pacientes em fase terminal. E, enfatizando a importância de se discutir e pesquisar sobre o assunto durante a formação inicial dos profissionais de Enfermagem, ela propõe uma reflexão a respeito da morte por intermédio da Fenomenologia – que “trata de descrever os fenômenos tais como eles se apresentam e significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo [...]” (BOEMER, 1989, p. 23) –, do filósofo existencialista, alemão, Martin Heidegger (1889-1976).

Vale ressaltar que no capítulo II, “O Morrendo”, mais especificamente no tópico 1, “Encontros com pacientes terminais”, a pesquisadora transcreve minuciosamente, ao longo de 71 páginas – mais da metade da obra – os diálogos que estabeleceu com quatro pacientes adultos, duas mulheres e dois homens, “mantidos até que ocorresse a morte no hospital ou em casa, ao término de cada encontro” (BOEMER, 1989, p. 32). Após a transcrição de cada encontro, descritos com a data e os horários de início e término, são seguidos da “análise da situação vivida”.

Nesse sentido, para mostrar como a morte é tratada pela equipe médica, pacientes e seus familiares, a autora narra sua experiência com essas pessoas em processo terminal. Seu trabalho se consistiu em mostrar que o ser humano presencia a morte e a conceitua, somente como sendo a morte dos

outros, pois ela jamais será acessível em sua real dimensão. A morte constituindo-se em um fenômeno da vida que sempre desperta grande temor no ser humano, e este sentimento se expressa na dificuldade em lidar com a finitude, estando presente nas crenças, valores e visão que cada pessoa traz consigo.

Segundo a autora, seu primeiro contato com os pacientes era de pouca conversa e eles ficavam apreensivos, mas com o passar das visitas começavam a falar de receios, culpas, desejos e sentimentos que estes tinham em estarem vivendo aquela situação de dor e sofrimento. Reclamavam da solidão, da falta de atenção dos familiares e das equipes médicas. Queixavam-se por não serem escutados e, então, como ela pode ouvir seus anseios, temores e medo em relação à morte, compreendo-os e, com isso, auxiliando-os na percepção de sua terminalidade. Relata, também, que a pessoa em estado “terminal não tem oportunidade de escolha, e, portanto, raramente toma decisões. A comunidade do hospital decide por ele quando ao seu tratamento, sua alta, sua cirurgia, sua admissão; ele é no hospital presença [...] objetivada [...]”. Quando o ser humano se torna “objeto”, isso “resulta na perda da pessoa viva, existente” (BOEMER, 1989, p. 128).

A autora demonstra, também, como a equipe de Enfermagem obedece a uma hierarquia, são sobrecarregados de serviços e não tem condições de atender como deveria o paciente em fase terminal. Contudo, mesmo assim, são os mais próximos do paciente e, por isso, conseqüentemente, estão mais próximos da morte desses. E, daí a necessidade de serem preparados para esse momento.

Boemer considera, ainda, que para os “filósofos da existência”, o “Ser-aí”, ou “*Dasein*”, que “se compreende em termos de sua existência”, é o ser do cotidiano, no mundo e com os outros, temporal, “Ser-para-a-morte”. O “aí”, que pode ser explicado como a abertura para o mundo iluminado e compreensivo. O “finito”, indicando que somente quando compreendermos que não somos eternos é que estaremos aceitando a nossa verdade como “Ser-para-o-mundo”. E, o “Ser-com-os-outros” que é quando aceitamos a morte em vários momentos de nossa vida, tanto a nossa, quanto a dos outros.

Quem morre abandona o mundo apenas em termos de “ser”. Esse permanece com os outros seres, que continuam sua existência, talvez mais próximo, mais ativo, fazendo parte integrante de suas vidas, de que quando estava vivo. O seu pensamento, sua arte, suas diversas realizações e as lembranças, estarão sempre presentes.

O processo “morte-morrer” não é um “acontecimento”, um fato, mas, sim, um “fenômeno” que necessita ser apreendido “existencialmente”. O primeiro contato com o fenômeno da terminalidade, geralmente, ocorre ao se presenciar a morte de outro ser. Obtém-se, portanto, inevitavelmente, a experiência de morte em vários momentos da existência. E, mais inevitável e real é a própria morte. Ela pertence a cada um e deve ser assumida em um determinado tempo.

A problemática, primordial, apresentada pela autora, é a de como se dá a humanização do atendimento e da atenção para com os pacientes diagnosticados com uma doença terminal e, conseqüentemente, com um prognóstico de morte eminente e iminente. E, o que ela constatou foi que os “pacientes terminais” são comumente tratados como corpos destituídos de vida, recebendo, basicamente, apenas os cuidados relacionados à alimentação, eliminação e higiene.

A pesquisadora utiliza como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico – com a revisão da literatura referente à filosofia existencial e fenomenológica de Heidegger (1974; 1981), além de outros autores como Beani (1981), Forguieri *et al.* (1984), Martins e Bicudo (1983), Martins e Dichtchekian (1984), Martins (1983), May (1977) e Palmer (1969) – e a técnica da entrevista, com a análise qualitativa dos discursos transcritos, ambos com a fundamentação teórico-filosófica e epistemológica do Método Fenomenológico.

A originalidade do texto pode ser destacada na identificação da autora com a filosofia existencial-fenomenológica, pelo fato de ser uma pesquisadora da área da saúde – que tradicionalmente não recebe uma formação de aprofundamento filosófico – e conseguir uma análise tão pungente do cotidiano apressado de profissionais da saúde em uma instituição

hospitalar, que em função da rotina de se lidar com inúmeros casos de sofrimento de seres humanos, acaba por se tornar um ambiente de tratamento desumanizado e de banalização da morte.

Além disso, as questões relacionadas à morte, ainda hoje, podem ser tratadas como um interesse pela morbidez, causando incômodo e constrangimento para muitos estudiosos e pesquisadores. Sendo assim, a morte não é comumente um assunto abordado no meio acadêmico e, conseqüentemente, muito pouco investigado na pesquisa científica.

Já a relevância das ideias apresentadas por Magali Boemer consiste em revelar uma percepção da valorização da vida humana – rica em complexidade, singularidade e subjetividade – em um contexto que, ao contrário, comumente lida com “pacientes” de forma simplificada, generalizada e objetivada.

Quanto à contribuição para a área da saúde, mais especificamente para a Enfermagem, é a de que o processo da morte e do morrer devem ser vistos sob outra perspectiva. A pessoa adoecida, tratada como “paciente terminal” não é “portador de um germe da morte”, e que ao lidarem com este, muitos profissionais de saúde, até por temê-lo, acreditam estar realizando o melhor dos atendimentos e oferecendo a atenção e o cuidado necessários para tanto. Para a autora, é preciso que os profissionais da área da saúde percebam “a morte como parte da existência”, pois só assim “é que poderão estar-com-o-paciente na sua terminalidade, não se antepondo à morte como um desafio à vida, mas como parte integrante e inalienável da mesma” (BOEMER, 1989, p. 132-133).

A autora retoma as ideias dos autores existencialistas e fenomenólogos, já mencionados anteriormente, apresentando uma qualidade de argumentos ao aprofundar essas teses, com eficácia e coerência entre elas e o contexto investigado. Seu estilo é claro, conciso e objetivo, e apesar dos termos e expressões bastante específicos do vocabulário existencialista, a linguagem utilizada é acessível à maioria de leitores das diversas áreas do conhecimento científico e sistematizado.

A obra é direcionada para estudantes e profissionais da Enfermagem, mas, também, para leitores pertencentes a qualquer área do conhecimento que se interessem conhecer melhor o assunto. Ela oferece uma imensa contribuição a todos, ao demonstrar que a morte não representa um ponto final na existência humana, pois é, na verdade, um elemento constitucional dela. Isto significa que existir é caminhar sobre uma linha de tempo que se inicia com o nascimento e termina com a morte.

Enfim, esta obra é recomendada para todos aqueles que se interessarem conhecer melhor o contexto da saúde abordado e desejarem realizar uma reflexão acerca do tema “a morte e o morrer”.